

Documentação

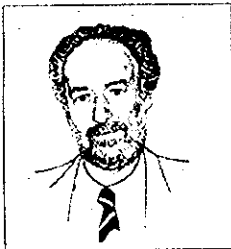
Fonte: OESP (Espaço Aberto)

Data: 10/10/2003 Pg. 12

Class.: CLM0044

WASHINGTON NOVAES

## O paradoxo que nos emperra



**É a crença – sem nenhum fundamento científico – em que a técnica tudo resolverá**

**P**or mais que se queira, não há como fazer de conta que não se tomou conhecimento das últimas notícias sobre a questão do clima e suas ameaças. Aqui e fora daqui surgem a cada dia informações muito preocupantes.

Bem perto, pode-se começar pela dramática redução de água nos reservatórios da Grande São Paulo, as previsões de que as próximas chuvas estarão abaixo da tendência histórica, a possibilidade de racionamento, o conflito pela água com municípios a jusante do Sistema Cantareira. E muito mais, em muitos lugares.

E, embora esteja mais ou menos assim no mundo todo, não se conseguem mudar as posturas, nem de governos, nem das sociedades, mergulhadas em seus padrões insustentáveis de consumo de tudo. Os Estados Unidos continuam de costas para o problema. A Rússia, que prometera ratificar o Protocolo de Kyoto, volta atrás. E sem ela não se conseguirá pô-lo em vigor.

Não faltam advertências para essa temeridade. A edição de outubro da revista *Scientific American*, por exemplo, lembra que o Artigo está registrando a mais alta temperatura em quatro séculos, com retração da camada de gelo, fracionamento da maior geleira e redução de outras, verão vários dias mais prolongado a cada década, temperatura média subindo meio grau centígrado a cada década nos últimos 30 anos. E o Ártico tem forte influência no clima planetário.

Na Europa, rios acusam o menor nível em cem anos. A Organização Meteorológica Mundial avisa que 2003 caminha para ser o ano mais quente de todos os tempos (2002 já o foi). A temperatura das águas do mar está se elevando. As do Pacífico reduziram a capacidade de ab-

sorver dióxido de carbono – o que agravará a concentração na atmosfera.

Nada disso parece influir no comportamento humano, levá-lo a buscar novos formatos, novos padrões de viver. No século passado, o consumo de energia (principalmente da matriz derivada da queima de petróleo e carvão mineral)

creceu mais de 900% e o consumo per capita, 260% – mas com os 5% mais ricos da humanidade consumindo 58% da energia e os 50% mais pobres, apenas 4%.

Nesse quadro, parece também muito preocupante que se continue, aqui e fora, a pensar numa expansão da agropecuária com ocupação de novas áreas, já que as práticas agrícolas respondem por 20% das emissões de gases e as mudanças no uso da terra, por 14%, segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas. No Brasil parece ainda mais estranho que se pense em estender o plantio de soja intensivamente para a área amazônica, notoriamente imprópria, quando os técnicos da Embrapa estão roucos de clamar que é possível até triplicar a produção de grãos e dobrar a produção de carnes sem avançar um

só hectare mais.

Mais complicado ainda é que, quando se caminha nessa direção, se esquecem vários conhecimentos que a ciência já disponibilizou. Por exemplo, os estudos liderados pelo cientista David Tilman e outros, publicados abril de 2001 pela revista *Science*. Segundo eles, nos próximos 50 anos, se a população mundial de fato crescer 50% ou pouco menos, como se prevê, e suas necessidades de alimentos continuarem a ser satisfeitas pelos padrões atuais, mais 1 bilhão de hectares ou 10 milhões de km<sup>2</sup> terão de ser adicionados à área já ocupada hoje – com graves reflexos nas emissões de gases. Além do mais, o nitrogênio e o fósforo que se adicionariam provocariam uma eutroficação nas águas de 2,4 a 2,7 vezes maior que a de hoje. Seriam extintos habitats (contribuindo para perda da biodiversidade), simplificados ecossistemas, perdidos serviços naturais.

Segundo esses cientistas, tais problemas “podem rivalizar com as mudanças climáticas nos impactos sobre o meio ambiente e a sociedade”. Esta, com seu consumo, já se apropria de “um terço da produção dos ecossistemas terrestres e metade da água doce disponível”; já dobrou o suprimento de nitrogênio no solo e a liberação de fósforo – sem falar na gigantesca deposição de agrotóxicos.

E o pior é que quase tudo

isso pode ser para pouco. Como já se mencionou aqui, estudos da Universidade de Princeton (EUA) mostram que, com o aumento da concentração de dióxido de carbono na atmosfera (que ainda vai crescer pelo menos 30% nas próximas décadas, mesmo nos cenários mais favoráveis), as variedades alimentares introduzidas pela “revolução verde” ganham massa mais rapidamente e em maior volume – mas com grave perda da capacidade de absorver elementos como ferro, zinco, vitamina A e outros. Segundo o estudo, essa deficiência já é responsável por uma parcela considerável da subnutrição nos países mais pobres.

O que será capaz de nos fazer mudar de rumo, redefinir os padrões de produção e consumo (insustentáveis; segundo vários relatórios já citados aqui)? Vale a pena mencionar, a propósito, artigo do economista Sérgio Besserman – que foi presidente do IBGE até o final de 2002 e está habituado a lidar com números, estatísticas e projeções –, publicado na revista *Inteligência*. Diz ele que “não estamos diante de uma perspectiva de apocalipse”, mas certamente estamos “diante de uma realidade de elevados custos para a sociedade humana”. Que terá de mudar. Mas “tanto os fundamentalistas do livre mercado como a esquerda que ainda não se libertou da primazia dada ao ‘progresso’ e à acumulação no ‘socialismo real’ minimizam esses riscos com a mesmíssima argumentação de fundo: uma adesão paradoxalmente mística às virtudes da técnica”. Acreditam que esta tudo resolverá – sem nenhum fundamento científico para a crença.

É possível terminar com outra citação do ex-presidente do IBGE: “Superar esse paradoxo vai exigir rupturas. Rupturas na consciência histórica, na relação com a natureza do planeta – isto é, no modo de produzir e consumir –, na governança global e no significado do Império” (a hegemonia norte-americana).

